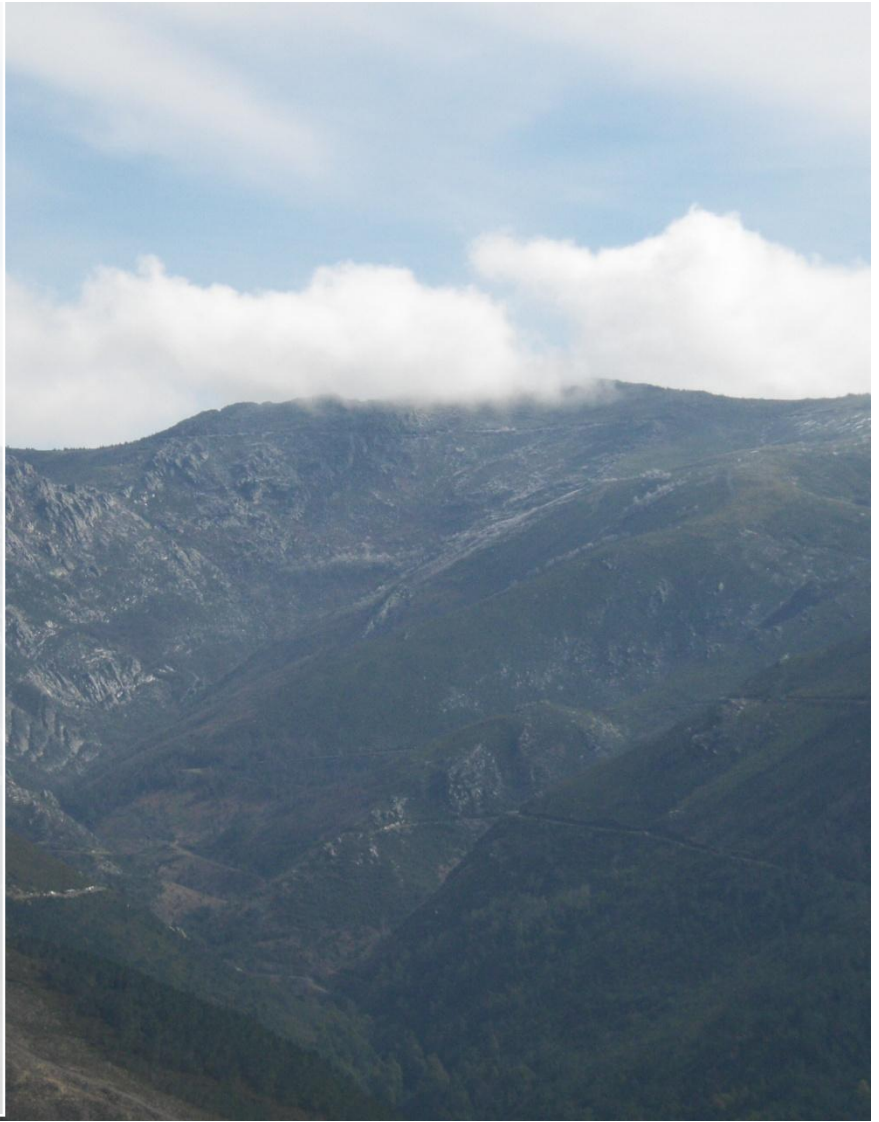


Visita de Estudo ao Perímetro Florestal da Serra do Marão

Desenvolvimento Rural

UTAD

Março de 2010



Nuno Novais nº34001
Cláudio Lourenço nº 33999
André Ferreira nº34842
Luís Resende nº35462

Introdução

O ponto mais alto da Serra do Marão tem 1415 metros. Localizada na fronteira dos distritos do Porto e Vila Real, a Serra do Marão separa as bacias hidrográficas dos rios Tâmega e Corgo. Pertence ao Maciço Antigo tendo a orientação geral Norte - Sul e uma extensão de 20Km.

No âmbito da disciplina de Desenvolvimento Rural leccionada pelo Professor José Portela teve-se uma visita de estudo ao perímetro florestal da serra do Marão e Meia Via com objectivo de Conhecer:

- a evolução do regime Florestal na Serra do Marão;
- evolução dos usos e costumes;
- a participação do Estado Português;
- a participação dos compartos no processo de gestão.

Estes objectivos foram concretizados com a ajuda do Engenheiro Luís Corte Real que serviu de guia ao longo da nossa visita.

Iniciou-se a visita no ponto mais alto da Serra do Marão, entre 1300 e 1400, onde foi apresentada acções de arborização e de fogo controlado.

Serra do Marão

Num dos pontos mais altos entre os 1300 e os 1400 metros de altitude durante muitos anos foi feito fogo controlado para criar descontinuidade das linhas de fogo, figura nº 1.

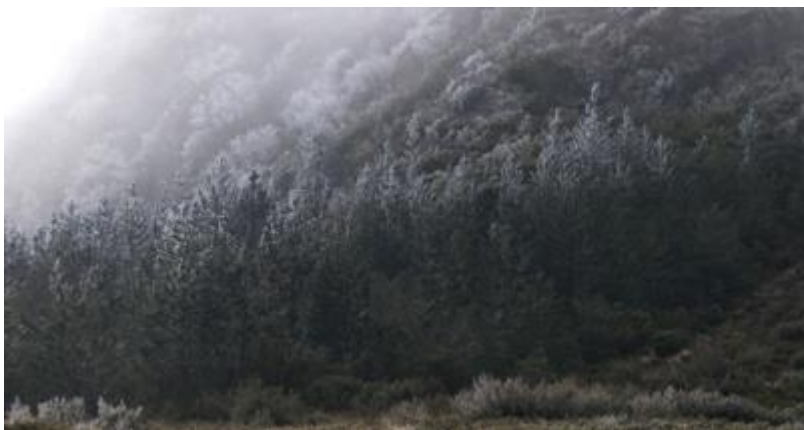


Figura nº1 – Pinhal de 1991/1992 entre os 1300/1400 metros

A 15 de Setembro de 1985 ocorreu um incêndio de grandes dimensões que afectou parte da Serra do Marão numa área de 3000 hectares, incêndios pelos quais têm vindo a ser tomadas diversas medidas de prevenção, tais como processos de reflorestação.

Numa das causas apontadas encontra-se a negligência por parte dos pastores na realização de uma queimada com condições meteorológicas extraordinariamente adversas e um alarme tardio por deficiente cobertura da rede de vigilância. Ocorreu por isso um combate ineficaz, sendo um incêndio com grandes repercussões a nível nacional.

Existia uma aldeia pequena onde se encontrava um rebanho comunitário e pastoreava livremente por aquela zona, no entanto o pastoreio têm prós e contras. Assim, o pastoreio pode ser encarado como positivo, uma vez que sendo bem gerido pode trazer benefícios, como o controlo do mato e vegetação. Os aspectos negativos do pastoreio podem passar por o conflito de território para a actividade pastorícia entre os pastores e os próprios engenheiros.

Neste local, figura nº 1 também está a ser feito um processo de arborização devido a um incêndio que ocorreu recentemente, em 2006 em que arderam 300 hectares. A arborização que existiu tem sido feita com a ajuda dos compartes da Serra do Marão, dos sapadores florestais, de pessoas especializados para o efeito, onde o estado tem contribuído com pinheiro larício (*Pinus Nigra*).

A arborização com *Pinus Nigra* (figura nº 3) é feita com cerca de 12 pessoas (7 senhoras e 5 sapadores), por vezes com condições climatéricas adversas (ventos fortes etc.), é feita num dos locais onde ocorreu o incêndio de 2006, onde ainda se encontram árvores queimadas provenientes deste, que ainda tem de ser removidas.

As re-arborizações com *Pinus Nigra* são provenientes de Vila Real, e já têm entre 2 a 3 anos quando chegam, sendo posteriormente plantadas manualmente.

Na área do baldio de Ansiães de cerca de 2500 hectares é feita uma gestão auto-sustentável, isto é, é gerido de forma autónoma em que a riqueza acumulada chega para a sua sustentabilização. O trabalho dos sapadores é indispensável, que tem trabalhado ininterruptamente com custo anual de 60 a 70 mil euros, onde a assembleia paga 35 mil euros, e o resto é gerido pelo estado.

Apesar disso, nem todos os baldios tem a capacidade de se gerir auto sustentavelmente e associam-se a Zonas de intervenção florestal (ZIF'S) ou outro tipo de gestão para estas áreas.

Assim é urgente a prestação de contas pela comissão dos baldios , onde as receitas devem reverter para o melhoramento sustentável dos baldios.

Em relação ao planeamento da construção de melhores acessos, como por exemplo estradas, para facilitar os acessos a certos pontos da Serra, sendo um bom exemplo o acesso ao posto de vigia de Nossa Senhora da Amoreira (1000 metros de altitude, figura nº 2), existem aspectos positivos e aspectos negativos. Entre os aspectos positivos encontram-se o facto de se melhorar os acessos na serra, nos aspectos negativos existe o factor de se “urbanizar” parte da floresta.



Figura nº 2 –
Perspectiva de vista
do posto de vigia de
Nossa Senhora da
Amoreira

No caso de se querer construir, inicialmente a questão que se coloca é:

- Quem é que concede?;

Em segundo lugar, é necessário iniciar a construção, sendo para isso em terceiro lugar essencial que funcione, e em quarto lugar é preciso haver manutenção, sendo num plano integrado estes 4 níveis discutidos a longo prazo.

A zona do posto de vigia divide dois grandes baldios (Ansiães e Aboadela). Fazem parte desta zona aldeias como a aldeia da Póvoa e a aldeia de Covelo do Monte, com relativa pouca população.

Na vigilância o baldio de Ansiães tem uma equipa de sapadores a trabalhar em conjunto com outra equipa de sapadores do baldio de Aboadela em permanência.

Existe um vigia no posto de vigia de Nossa Senhora de Amoreira que dá normalmente os alertas e faz a gerência. No verão os sapadores fazem uma vigilância mais intensiva, durante 24 horas por turnos, a GNR também dá o seu contributo fazendo as suas patrulhas, a protecção civil, na câmara municipal coordena também as infra-estruturas que estão no terreno.

Em 1980, a assembleia de compartes de Aboadela deliberou a gestão dos baldios de Aboadela para a freguesia de Aboadela.



Figura nº 3 –
Plantação de *Pinus*
Nigra

Uma questão a reter é a diferença entre propriedade privada e propriedade pública e este ponto está bem subjacente na Serra do Marão.

Tomando como exemplo a empresa águas do Marão que há cerca de 20 anos que tem explorado recursos sem pagar qualquer comissão ao conselho directivo do baldio, e como consequência disto, existe vários processos judiciais seguido doutros processos para que esta empresa pague uma renda ao baldio em função dos lucros.

O estado preocupa-se naturalmente com os bens privados e públicos, e quando á uma interferência em relação a estes os tribunais actuam, no entanto os bens comunitários não são protegidos de forma equivalente.

Este tipo de casos já foi estudado a nível global pelo sociólogo Michael Chernaya, segundo este sociólogo a protecção jurídica não abrange os meios comunais.

Numa próxima paragem já na voz do senhor Miranda, presidente do Conselho Directivo dos Baldios de Ansiães, contou como foi criado o Conselho Directivo do Baldios de Ansiães, que se resume a pós 25 de Abril de 1974 onde o povo tomou posse dos baldios e entregues a assembleias de compartes para criarem outros concelhos directivos e que são os responsáveis pela gestão do baldio, para essa gestão havia duas formas de o fazer, ou seja, com a participação do estado ou sem esta.

Todos os Conselhos Executivos da Serra do Marão são geridos em Co-Gestão com o Estado.

Tanto o Baldio de Ansiães como o de Aboadela tem rendimentos regulares provenientes dos vários recursos aí explorados que asseguram a permanência de um técnico que dá apoio á equipa de sapadores.

O Estado tem vindo a abandonar cada vez mais a gestão dos baldios, e apenas intervindo em casos de incêndio, o que é um ponto negativo, no entanto e por contraste as maiores áreas de baldios são as zonas mais despovoadas e aldeias mais pobres, e como reacção a isso os baldios tem responsabilidade de ajudar no desenvolvimento destas regiões.

Minas do Ramalhoso

A actividade mineira nesta zona comprometeu uma outra actividade que ia ser explorada, as águas sulfurosas, entretanto com a lavagem dos minérios contaminou essas águas tornando impossível a sua utilização. Nesta altura (1938-1970) viveram cerca de 100 pessoas nestas zonas.

Conclusão

A Serra do Marão acaba então por ser espaço de biodiversidade de espécies tanto animais, como vegetais, é também zona de grande turismo, são também realizadas iniciativas a nível desportivo, portanto a Serra do Marão deve ser um espaço de contacto com a natureza.

Assim, os baldios são fonte de desenvolvimento local que acaba por ser também uma fonte de desenvolvimento nacional.